



Itaú Unibanco Holding S.A.
Teleconferência nacional
Resultados do terceiro trimestre de 2015
4 de novembro de 2015

Operadora: Bom dia senhoras e senhores. Sejam bem-vindos à teleconferência do Itaú Unibanco Holding onde serão discutidos os resultados do terceiro trimestre de 2015.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessite de assistência durante a teleconferência, tecle “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaubr.com.br/relacoes-com-investidores. Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O replay desta teleconferência estará disponível até 10 de novembro por meio do telefone 55 11 3193-1012 ou 2820-4012, código de acesso: 2630477#.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco, hoje, estão os senhores **Eduardo Vassimon**, Vice-Presidente Executivo, CFO (Chief Financial Officer) e CRO (Chief Risk Officer); e **Marcelo Kopel**, Diretor de Relações com Investidores.

Inicialmente o **Sr. Eduardo Vassimon** apresentará os resultados do terceiro trimestre de 2015. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao **Sr. Eduardo**.

Eduardo Vassimon: Bom dia a todos. Mais uma vez bem-vindos à nossa teleconferência sobre os resultados do terceiro trimestre deste ano.

Aqueles que estão nos acompanhando também pela Internet, estamos aqui na tela 2. Eu começaria destacando o lucro líquido recorrente de R\$ 6,1 bilhões, que nós consideramos bastante robusto dada a conjuntura atual da economia brasileira que tem se mostrado mais desafiadora do que prevíamos. Este resultado é nominalmente praticamente idêntico ao verificado no trimestre anterior e cerca de 21% superior ao resultado acumulado de 9 meses no ano passado. O retorno sobre



o patrimônio, retorno recorrente, neste trimestre foi de 24% e em termos de qualidade de crédito nós vemos uma estabilidade tanto no atraso de 90 dias ou mais, a 3,3%, quanto no chamado atraso curto, de 15 a 90 dias, no nível de 3%. Nós vamos falar adiante bastante sobre qualidade de crédito, inadimplência, porque entendemos que este é o principal tema de interesse do mercado.

Indo para slide 3, nós tivemos neste trimestre em particular eventos não recorrentes relevantes, particularmente relevantes. Eu gostaria de destacar aqui eventos não recorrentes que impactaram positivamente o resultado. Basicamente a majoração da alíquota da contribuição social, que foi elevada de 15% para 20%, no valor aproximado de R\$ 4 bilhões neste trimestre. Como principais eventos não recorrentes que afetaram negativamente o resultado, nós tivemos uma provisão complementar para créditos de liquidação duvidosa, já líquida de imposto da ordem de R\$ 2,8 bilhões, antes do imposto esse número, sobre o qual falaremos um pouco mais a frente, é da ordem de R\$ 4,7 bilhões. E o outro elemento de despesa não recorrente relevante que eu gostaria de destacar é a alteração do tratamento contábil de *leasing* financeiro, que ocasionou aqui uma despesa de R\$ 520 milhões após impostos, e um pouco acima de R\$ 1 bilhão antes de imposto. Isso foi em função de uma orientação recebida dos reguladores para que contabilizássemos diretamente como despesa esse *leasing*, que é relativo a equipamentos no nosso novo Centro Tecnológico e que foi objeto de um contrato de prazo mais curto, de cerca de um ano. Então, ao invés de fazermos a amortização no prazo típico de cinco anos nós fizemos a despesa toda compatível com este prazo mais curto do contrato.

Indo para o slide 4, falando aqui de retorno, nós tivemos mais uma vez um retorno de 24% sobre o patrimônio, retorno recorrente, e no período de 12 meses médio 24,5%, bastante semelhante ao verificado nos trimestres anteriores. O retorno recorrente sobre o ativo estável, aí por vários trimestres num nível de 1,9%.

Passando para o slide 5, olhando aqui lucros e perdas, gostaria de destacar alguns elementos. O primeiro é um crescimento que consideramos robusto aqui na margem financeira com clientes de 4,4% neste trimestre e 16,4% em 12 meses quando comparamos os 9 primeiros meses deste ano em relação ao ano passado. Este crescimento está relacionado, em grande medida, ao processo de reprecificação de risco, que foi iniciado já há alguns meses, e também a nossa maior eficiência na captação de recursos e também a elevação da Selic neste período. A margem financeira com mercado é outro destaque, um resultado extraordinariamente alto. Da ordem de R\$ 2,3 bilhões. Vamos falar um pouco mais sobre ele a frente, não é um resultado que nós consideramos recorrente. A receita de serviço cresceu um pouco acima da inflação, 10% em 12 meses, e o resultado de seguros apresenta uma queda de 1,5% também em 12 meses. E aqui ele deve ser visto em função da retirada do Itaú Unibanco de alguns negócios que nós consideramos não foco em seguros, como negócio de grandes riscos e de garantia estendida. Eu chamaria a atenção também para uma redução importante nas despesas com sinistro, de forma que o resultado de seguros deduzido da despesa de sinistro cresceu nominalmente em relação aos 9 meses do ano passado. As despesas de PDD cresceram 4,1%



nesse trimestre, nós vamos falar também mais em detalhes à frente. E finalmente neste slide, o lucro líquido recorrente em 12 meses, crescendo cerca de 21% quando comparado com o ano passado.

Indo para a tela número 6, nós temos a abertura da carteira de crédito por cliente e produto. Nós tivemos em 12 meses um crescimento de 10,1% e no trimestre de 4,3%. Ambos esses números estão influenciados positivamente pela desvalorização cambial, que foi bastante relevante nesse terceiro trimestre, da ordem de 28%. Excluindo o efeito cambial nós vemos aqui na última linha que nós ficamos basicamente com crescimento zero em 12 meses e uma queda em torno de 1% nesse trimestre fruto, evidentemente, da conjuntura econômica onde a demanda por crédito está mais fraca e os nossos critérios de concessão de crédito estão mais apertados. Olhando algumas linhas de negócio nós vemos que em 12 meses as linhas de negócio que apresentam um crescimento mais robusto são crédito consignado, em torno de 25%. Embora, olhando particularmente esse terceiro trimestre, nós temos um crescimento já bastante mais modesto de 0,4% e os 25% anuais estão influenciados por compra de carteiras, processo que basicamente se encerrou. Outra linha de negócio com crescimento relevante é crédito imobiliário, da ordem de 22% em 12 meses, e ainda robusto neste trimestre, 5,5%. Grandes empresas apresenta um crescimento razoável, mas aqui bastante influenciado por variação cambial. Sem a variação cambial nós teríamos tido uma redução nominal desta carteira. E a carteira que mais cresce é a carteira de América Latina, confirmando aí a nossa estratégia de expansão regional. Lembrando que aqui ainda não temos os números do CorpBanca, cuja fusão só se concretizará no primeiro trimestre do ano que vem, entre o primeiro e o segundo trimestre do ano que vem, mas que apresentou um crescimento robusto, aqui também parcialmente influenciado pela desvalorização cambial.

Indo para a tela número 7, nós temos aqui a abertura do nosso lucros e perdas entre dois grandes blocos, como temos mostrado já em trimestres anteriores. A parte do nosso lucros e perdas, que é um pouco mais sensível ao ambiente econômico, ao ciclo econômico, que é a parte de crédito e *trading* de um lado e de outro seguridade e serviços, que é uma parte menos suscetível ao ciclo econômico. Então nós vemos que na parte de crédito e *trading* apresentamos um retorno sobre o patrimônio da ordem de 15%, portanto, um pouco abaixo do nosso custo de capital, aqui influenciado pela elevação das provisões para devedores duvidosos. E de outro lado seguridade serviços apresentando bastante resiliência e com retorno bem elevado sobre o capital alocado.

Indo para o slide número 8, composição da carteira de crédito, nós temos aí o crescimento do lado direito do gráfico na parte superior das três linhas de negócio que têm recebido maior foco, que são América Latina, cartão de crédito e consignado, como eu mencionei. Redução em algumas outras linhas, em particular em veículos, pequenas e médias empresas, que também mostra alguma redução, que é um nicho mais sensível aqui ao ciclo econômico, e grandes empresas com crescimento nestes últimos três anos, aqui influenciado pelo fator câmbio. Nós continuamos, portanto, na nossa estratégia já delineada há alguns anos de migração



para carteiras de menor risco, com um nível maior de garantia e também compatíveis com a nossa estratégia de expansão geográfica na América Latina. Na parte de baixo desta tela nós temos a evolução da margem financeira com clientes. Apesar da contração de crédito, descontada a variação cambial, nós tivemos uma elevação importante aqui da margem pelo processo de reprecificação e pela elevação da Selic.

Indo para página 9, nós temos a taxa média da margem financeira em termos anuais. As operações sensíveis a *spread* apresentam uma estabilidade em 10,8% quando comparada ao trimestre anterior. Ajustada pelo câmbio ela teria mostrado uma elevação de 10 *basis points* para 10,9 no período. Ajustada pelo risco, que é a linha verde cheia, nós temos aqui uma diferença relevante em função das provisões para crédito duvidoso e uma redução de 7,1 para 6,9 no período; redução seria menor descontado o efeito cambial.

Indo para o slide número 10, margem financeira com mercado. Conforme nós mencionamos, este resultado de 2,3 é um resultado extraordinariamente alto, não recorrente, fruto da maior volatilidade do mercado nesse terceiro trimestre. Fruto também de algumas posições direcionais em câmbio e juros que nós fizemos e fomos, enfim, felizes na captura dessa volatilidade maior no período. Assim como nos trimestres anteriores, nós tivemos resultados acima do que nós consideramos que seriam resultados, digamos, mais recorrentes. Olhando para frente eu acho que a gente pode estimar um resultado mais estável da ordem de R\$ 5 bilhões por ano.

Indo para a tela 11, e começando a falar aqui de qualidade de crédito, nós temos na parte superior do slide o índice de inadimplência curto, de 15 a 90, que mostrou uma estabilidade no período com 3% no total das carteiras. Sem considerar o efeito cambial nós teríamos observado uma subida de 10 *basis points* neste indicador. Quando a gente olha aqui pessoa física, nós temos uma pequena redução, basicamente uma estabilidade nos últimos três trimestres, acho que mostrando aqui já o resultado do processo de aperto das nossas políticas de concessão de crédito que vem sendo realizado já há muitos meses e é um processo contínuo. Na pessoa jurídica nós vemos uma elevação aqui de 10 *basis points*. Na parte de baixo, inadimplência mais longa, 90 dias ou superior, nós temos estabilidade no total, que teria sido 10 *basis points* acima sem o câmbio. Quando a gente abre entre pessoa física em jurídica nós vemos uma diferença relevante; a pessoa jurídica apresentou aqui uma queda de 20 *basis points* e a pessoa física uma elevação mais forte aqui de 50 *basis points*. Isto está basicamente concentrado nos produtos de cartão de crédito e crédito pessoal. É uma elevação que foi superior ao que nós estimávamos para este período e olhando para frente a gente imagina que, em função do cenário econômico, nós continuaremos a ver uma deterioração gradual dos índices de inadimplência, mas numa magnitude menor do que a verificada para pessoa física neste trimestre. Para pessoa jurídica, particularmente o atraso longo, nós devemos verificar subida pela rolagem de alguns poucos casos de créditos de maior valor, que vão entrar em atraso no período de 90 dias ou superior, mas que estão bastante bem provisionados.



Indo para a tela 12, nós vemos o índice de cobertura. Ele apresenta uma elevação substancial no trimestre de 187 para 214. Fruto, sobretudo, da constituição da PDD complementar de R\$ 4,7 bilhões. Essa PDD tem um caráter basicamente antecipatório, na nossa avaliação, conservador, em função das incertezas do ambiente econômico e da possibilidade de deterioração desse ambiente, adicionalmente, no futuro. Quando a gente olha o índice de cobertura na parte de baixo, lembrando que aqui não está considerada a PDD complementar, nós temos na pessoa física e no varejo um nível similar ao verificado nos últimos trimestres, e na pessoa jurídica uma elevação também aqui com caráter antecipatório para 207%. Quando eu digo aqui antecipatório significa que, se nós estivermos corretos na nossa expectativa de eventual deterioração adicional, a tendência seria verificar uma queda deste índice de cobertura no futuro. Lembrando que ele não é um índice pelo qual nós pautamos a nossa atuação. Nós sabemos que o mercado acompanha, nós acompanhamos também, mas não é um índice que pauta a nossa atuação de crédito.

Indo para a tela seguinte, a 13, ainda falando de qualidade de crédito, nós temos aqui a inadimplência de 90 dias ou superior de pessoa física excluindo os créditos 100% provisionado. Quando nós fazemos isto a gente vê um crescimento bem mais modesto na inadimplência do que o crescimento total, que foi de 50 *basis* e aqui 20 *basis* com esta exclusão. Fazendo o mesmo exercício para pessoa jurídica a gente vê uma estabilidade em torno de 0,5%, 0,6% deste indicador aí compatível com os últimos trimestres. E finalmente, ainda nesta tela, na parte de baixo, quando a gente faz a abertura dentro de pessoa jurídica entre micro, pequena e média de um lado e grandes empresas de outro a gente vê uma redução relevante de grandes empresas e um pequeno aumento na micro, pequena e média, que é um segmento evidentemente mais suscetível ao ciclo econômico. Quando a gente desconta o efeito da variação cambial, indicador de grandes empresas teria recuado 3 *basis points* e o de micro, pequena e média teria subido um pouco mais; teria subido 20 *basis points*.

Indo para a tela seguinte, tela 14, em função do ambiente econômico e do interesse do mercado, nós estamos dando destaque aqui para a carteira renegociada, para as operações de crédito renegociados. Nós vemos inicialmente aqui na parte de cima uma elevação nominal desta carteira da ordem de R\$ 1 bilhão; de R\$ 12,5 bilhões para R\$ 13,5 bilhões. Uma boa parte disto, cerca de 1/3 desta elevação está relacionada à variação cambial. Quando nós olhamos aqui esta carteira como porcentagem da carteira total, nós vemos um padrão historicamente baixo e relativamente estável aí nos últimos trimestres. Na parte de baixo a gente vê a cobertura para esta mesma carteira renegociada subindo já há vários trimestres atingindo 233% em setembro. Em termos nominais, o saldo de NPL cai, de 2,7 para 2,5, e com isso o NPL 90 como porcentagem também da carteira apresenta uma redução expressiva aí de 21,5% para cerca de 18%.

Indo para a tela seguinte, tela 15, ainda falando de crédito, a gente vê aí uma certa estabilidade na relação entre despesa de PDD e carteira de crédito, em torno de 4,8%, 4,9%. Na parte de baixo NPL *creation*, que é um indicador que o mercado



acompanha bastante, nós vemos uma redução expressiva de R\$ 400 milhões e com isso a porcentagem em relação à carteira de crédito também se reduz no caso aqui do *write off*, atingindo aí cerca de 1,1%.

Indo para o slide 16, falando de despesa de PDD por segmento, conforme esperado, conforme antecipado, nós vemos uma redução na provisão para o segmento de atacado de 1,8 redondamente para 1,4, e uma subida aqui um pouco acima do esperado na parte de varejo de 3,7 para 4,13, e com isto a despesa total cresce cerca de R\$ 200 milhões neste período.

Indo para o slide seguinte, passando rapidamente aqui falando de receita de serviços e seguros, nós tivemos um crescimento um pouco acima da inflação, de 10,2% no período.

Na tela 18, falando de despesas não decorrentes de juros, nós tivemos uma elevação percentualmente grande neste trimestre, de 9,3%, puxada, sobretudo, pelas despesas de pessoal. Aqui cabe um esclarecimento, essas despesas pessoais, de pessoal, cresceram fundamentalmente em função da contabilização do acordo, na época, de uma proposta de negociação de acordo coletivo, nós temos isso na nota um, quase metade desse crescimento está associado a este fator. Na época, o acordo sindical ainda não havia sido fechado, nós contabilizamos a proposta que estava na época na mesa da Federação de Bancos para o sindicato, que previa um reajuste de 5,5% e um pagamento de um abono de R\$ 2.500,00 para cada funcionário. O acordo final ficou em 10%, com isso esse abono não existiu, o que fará com que a despesa, essa despesa de pessoal, no quarto trimestre vá ser ligeiramente menor nominalmente do que a despesa verificada neste trimestre. Com isso, nós entendemos que o melhor indicador do ritmo de despesa é o indicador de 12 meses, onde nós temos um crescimento de 8,5% em 12 meses e, se nós excluirmos as operações do exterior, que evidentemente têm o fator câmbio, nós teríamos um crescimento de 6%, bastante abaixo da inflação no período. E a nossa expectativa, o nosso compromisso é de continuar trabalhando forte no sentido de entregar crescimento de despesas abaixo da inflação. Na parte de baixo, o índice de eficiência em 12 meses continua melhorando, embora no trimestre em particular ele tenha apresentado uma pequena elevação.

Indo para o slide 19, falando de capital, nós temos aqui uma redução do capital principal entre o trimestre passado e este de 90 pontos. O lucro do trimestre foi basicamente compensado pelo aumento do crédito tributário, ambos 0,8 pontos, e a redução fica aqui associada neste gráfico à distribuição de dividendos e à elevação do RWA que, embora a carteira de crédito não tenha crescido em termos reais, a desvalorização cambial acaba provocando este 0,4% mostrado aqui na parte superior da tabela.

Na parte de baixo, partindo do capital principal de 12,3%, nós chegamos acelerando todo o cronograma de Basileia em 9,8%. Esse nível de capital é, portanto, influenciado pela desvalorização cambial, que produz um crescimento dos créditos tributários em função da nossa estrutura de investimento no exterior. Ao câmbio dos



últimos dois dias, esse índice de 9,8% já estaria acima de 10%, alguma coisa entre 10% e 10,5%. Nós estamos bastante confortáveis com o nosso nível de capitalização e temos expectativa de que ele gradualmente cresça aí pela geração de resultados e pela relativamente baixa demanda de crédito nos próximos trimestres.

Indo para o slide 20, aqui só um breve destaque sobre o desempenho das nossas ações no mercado. Nós vemos uma redução do valor de mercado, estamos vendo aqui os dados do final do trimestre, de 30/09, e em termos históricos estamos aqui no ponto mais alto desta série de *dividend yield* e no ponto mais baixo de *price to earnings*. Nós acreditamos que a nossa ação está num preço bastante atraente.

Na página 21, ainda falando de ações, nós temos aqui uma tela sobre recompras. Nós tivemos neste ano uma atividade mais intensa de recompra de ações, atingindo aí cerca de 87 milhões de ações recompradas. Lembrando que o nosso processo, o nosso programa de recompra de ações busca atingir dois objetivos, gerar ações para a remuneração de colaboradores e administradores, como incentivo de longo prazo, e também como gestão de capital. Do programa aprovado de 50 milhões, nós adquirimos 13,3 milhões, temos, portanto, ainda um volume substancial dentro do programa aprovado pelo Conselho.

Finalmente, indo para a tela 22, das nossas expectativas para o ano de 2015. Na carteira de crédito total nós estimamos que ao final do ano estaremos acima do ponto mais alto do intervalo em função basicamente da desvalorização cambial. Em relação a margem financeira gerencial nós acreditamos que estaremos um pouco acima da parte superior deste número em função do processo de reprecificação de risco e também dos resultados bastante positivos com margem com mercado. Em relação às despesas de PDD, nós acreditamos que encerraremos o ano com número em torno de R\$ 18 bilhões, que é o teto aqui da expectativa. Para receita de serviço e resultado de seguros nós estaremos provavelmente ao final do ano mais próximos do piso deste intervalo, que é 9,5%. E finalmente para despesas não decorrentes de juros, nós estaremos, sobretudo em função de desvalorização cambial, um pouco mais próximos do teto deste intervalo.

Com isso eu encerro aqui a apresentação e estaremos a partir de agora, o Marcelo Kopel e eu, à disposição para responder eventuais perguntas. Obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digite asterisco um (*1). Para retirar a pergunta da lista, digite asterisco dois (*2).

Nossa primeira pergunta vem de Eduardo Rosman, BTG Pactual.



Eduardo Rosman: Oi, bom dia a todos. A primeira pergunta que eu tenho é sobre provisões, né. Como mencionado no *call*, o Banco reforçou bastante o balanço neste trimestre, né, com, via o acúmulo de provisões excedente, o índice de cobertura, se eu não me engano, atingiu o patamar mais alto desde o quarto tri de 2008. E acho que é normal mesmo esperar que a cobertura caia nos próximos trimestres com o aumento da inadimplência, né, se isso foi falado durante o *call*. Mas eu queria entender como é que vocês pensam, eventualmente, em usar esta provisão excedente, né. Qual que é o cenário, enfim, tem algum gatilho, por exemplo, se a inadimplência ela passar de um certo patamar vocês poderiam usar ou não? Assim, como é que é feita esta decisão aí no Banco? Então, esta seria a primeira pergunta, sobre provisões.

E a segunda pergunta é, na verdade uma, já querendo olhar um pouquinho para frente. Eu acho que 2015 tá acabando, acho que apesar do ano bem difícil vocês vão, de novo, entregar um resultado muito forte. Eu queria saber como é que vocês estão planejando, não o *guidance* formal, mas eu queria entender como é que vocês estão planejando o orçamento do ano que vem. Porque quando a gente olha pra as linhas do resultado parece bem desafiador, né. Crédito não cresce, NIM sobe ainda, mas não sobe tanto quanto no passado, então, o NII deveria desacelerar, a Tesouraria, né, a margem com o mercado não deve ter a mesma performance, *fee income* e seguros dificilmente acelera. O Banco continua fazendo um trabalho acho que muito bom em eficiência, mas, assim, salário cresce 10%, né, então, não dá para crescer zero despesa, e pressão de inadimplência, e aí, além disto, o imposto sobe. Então, eu queria saber se dá para, se vocês acham que dá para crescer lucro em 2016 ou se vai ser um ano de ajuste também? Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia, Eduardo, é Vassimon falando. Em relação à primeira pergunta, das provisões, nós concordamos. Nós achamos que o nosso balanço está bastante protegido com este nível de provisão adicional que nós fizemos e, conforme nós falamos, seria razoável esperar alguma redução desse índice de cobertura. Nós não temos nenhum gatilho formal para isso, quer dizer, nós consideramos que essa provisão excedente é um colchão para possível deterioração adicional e a medida em que, eventualmente, se verificar essa deterioração nós possivelmente iremos utilizar parte desse colchão, parte desta provisão excedente.

Ainda é muito cedo para traçar um cenário, embora nós já estejamos em novembro, dada a incerteza do ambiente. Nós ainda estamos no processo de construção do orçamento. E, entrando já na sua segunda pergunta. Sem dúvida, 2016 será um ano bastante desafiador. Nós acreditamos que ainda há um pedaço do nosso portfólio que será objeto de reprecificação, embora possivelmente a maior parte deste processo já tenha ocorrido, mas nós acreditamos ainda em algum crescimento dessa linha. O ambiente de crédito evidentemente vai ser ainda bastante difícil e deveremos ter, portanto, despesas relevantes ainda de provisão para perdas. Serviços, nós estamos confiantes que seremos capazes de ter um crescimento bastante razoável, menos afetado pelo ciclo econômico. E a parte de custos continuará sendo um foco importante, sem dúvida, o reajuste de 10% é desafiador,



mas nós estamos confiantes de sermos capazes de produzir uma linha de crescimento de custos abaixo da inflação.

Eduardo Rosman: Está ótimo, Vassimon, obrigado.

Operadora: Próxima pergunta Felipe Salomão, Morgan Stanley.

Felipe Salomão: Bom, bom dia, Vassimon, Kopel. Obrigado pela oportunidade. A minha pergunta é com relação à *asset quality*. A última vez que a gente viu um aumento trimestral de 50 bps na inadimplência pessoa física foi no segundo tri de 2012, no meio da crise do financiamento de automóvel, e de lá para cá o mix da carteira pessoa física melhorou bastante. Então, assim, isto posto, por quê que a inadimplência pessoa física piorou tanto, mesmo com a mudança de mix? Quer dizer, isto foi uma surpresa para vocês?

Além disto, quando que vocês acham que o pico da inadimplência pessoa física vai ser atingido e qual que potencialmente vai ser o ponto mais alto deste índice?

E um terceiro ponto, uma terceira pergunta é, vocês comentaram no *call* que a deterioração tri contra tri na inadimplência da carteira pessoa física vai ser menor a partir de agora do que a gente observou no terceiro tri. Então, eu queria saber o quê que está por trás desta afirmação, quer dizer, porque que vocês acham que a deterioração não vai ser tão intensa quanto foi agora? Estas são as minhas perguntas. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia, Felipe, é Vassimon. A elevação da inadimplência de pessoa física neste trimestre foi, como eu mencionei no *call*, sim, um pouco superior ao que nós estimávamos, até porque um ambiente econômico como um todo tem sido pior do que nós antecipávamos. Ela foi concentrada, como eu mencionei brevemente, em cartão de crédito e em crédito pessoal. Lembrando que em cartão, quer dizer, $\frac{3}{4}$ da nossa carteira está concentrada em *transactor*, né, e quando a gente abre este dado, nós não colocamos aqui no *call*, mas, quando a gente abre a inadimplência por tipo de operação dentro de cartão, o *transactor* está absolutamente comportado, então, a elevação foi mesmo no *revolving*.

O que nos faz confiantes de que a elevação, que me parece inevitável ao longo dos próximos semestres, não será na mesma intensidade é o fato de a gente estar verificando já nos atrasos mais curtos um comportamento mais saudável e que reflete aí os nossos processos de ajuste das políticas de crédito. Nesse trimestre em particular nós tivemos uma queda de *write off*, aí é uma questão aritmética que reflete a melhora da carteira lá atrás em 2014. Sem dúvida o ambiente vai ser muito desafiador, mas nós não vemos o crescimento no ritmo que nós mostramos nesse terceiro trimestre na pessoa física.

Em termos de pico de inadimplência, evidentemente quando você está no meio ainda do ciclo econômico é difícil antecipar, mas eu diria, visto de hoje, que



possivelmente a gente verá o pico entre o final do ano que vem e o início de 2017, na medida em que o desemprego deve continuar a subir aí nos próximos trimestres.

Felipe Salomão: Ok, muito obrigado.

Operadora: Próxima pergunta Francisco Kops, Banco Safra.

Francisco Kops: Bom dia, Eduardo, Marcelo, todos. Duas perguntas também. Uma eu queria fazer um *follow-up* na primeira pergunta sobre a provisão adicional. Eu só queria entender um pouquinho melhor como que isso pode ser usado lá na frente, né, eu sei que vocês já falaram pouco sobre isso, eu só queria um pouco mais de cor. Vocês constituem esta provisão diante de um cenário que piorou, né, e a justificativa foi que o cenário está difícil, então, foi necessário uma maior provisão. Usar isso não significa que vocês só podem usar isso quando a situação melhorar um pouco ou clarear um pouco e aí vocês poderiam talvez baixar isso, essa provisão adicional ou a gente deve imaginar, então, que diante deste cenário um consumo de coberturas viria da provisão genérica, né. Ou seja, vocês diminuem o índice de cobertura não via adicional, mas via provisão genérica? Essa é minha primeira pergunta.

A segunda pergunta é, caso vocês não usem, baixem essa provisão adicional lá na frente, se isso não podia virar, de certa forma, um capital contra cíclico para fins de Basiléia III lá na frente? Obrigado.

Marcelo Kopel: Oi, Kops, bom dia. É o Kopel que tá falando. A gente faz as provisões num caráter antecipatório, tá, então, pegando aquilo que o Vassimon comentou no *call*, quando você leva isto em consideração e especificamente no caso da complementar, que ela não tem nome e sobrenome, mas ela a gente trabalha num caráter de estar olhando para frente e vendo uma economia que ainda permanece pelos próximos trimestres mais fraca, foi neste contexto que a gente fez. No processo orçamentário, o que a gente vai fazer, a gente tem o nosso cenário base, saindo desse cenário base, se a gente desviar dele, eventualmente nesta hora a gente pode estar fazendo uso dessa PDD complementar, ou seja, é algo adicional àquilo que a gente vai tá trabalhando e comunicando para vocês.

No cenário que você falou de caso não baixarmos, a gente vem com um nível de capitalização bem forte, conforme o Vassimon comentou, os 9,8. Ele inclusive fez um comentário que no câmbio dos últimos dois dias isso aí oscila entre 10 e 10,5. E a gente vê que ao longo dos próximos períodos, dado que o crescimento que a gente espera em função da visão que a gente tem da economia, é um crescimento baixo nos ativos ponderados a risco e uma acumulação de capital, isso vai fazer com que este nível tenda a crescer. Então, é o fato de a gente ter um excesso de provisão não necessariamente nos coloca numa posição de querer reverter isso daqui, mas acho que a dinâmica para você entender o nosso provisionamento é: a gente tem a tendência de ter um caráter antecipatório. Essa é a leitura que vocês têm que ver, e aí vocês veem que a provisão ao longo do tempo existe subida e



consumo, tá. Não é uma subida infinita que a gente tá fazendo aqui, nem tão pouco construindo um *buffer* anticíclico.

Francisco Kops: Kopel, desculpa, só para fazer um *follow-up* e ver se eu entendi direitinho. Então, assim, para fins de balanço o correto realmente é olhar a cobertura do Itaú como esses 214, mas talvez para fins de lucro, ou *earnings power* para 2016, talvez o mais correto seja considerar realmente essa cobertura na casa de 146, que é a genérica mais específica. Foi mais ou menos isso que eu entendi, né? Se o cenário não piorar, não melhorar, desculpa, essa provisão adicional não deve ser usada?

Marcelo Kopel: Na verdade, não, tá, Kops, porque nós estamos falando de R\$ 11 bilhões de PDD complementar, tá. Se você reduzir a cobertura de 214 para 146 ou 147 é uma redução substancial e a gente está falando de R\$ 11 bilhões a mais de PDD acima daquilo que nós vamos orçar. Então, eu não acho que nem um extremo nem outro. A mensagem que eu quero passar para você é se vier alguma coisa muito além daquilo que a gente espera no nosso cenário básico a gente vai estar comunicando para vocês, tá.

Francisco Kops: Ok.

Marcelo Kopel: Ou seja, ela é algo para proteger de um cenário extremo que se materialize acima daquilo que a gente tá prevendo, vai prever e comunicar para vocês para o ano de 2016.

Francisco Kops: Não, perfeito, Kopel. Se me permitir uma segunda pergunta, eu queria só explorar um pouquinho a inadimplência *corporate*, principalmente das grandes empresas. Ela vinha sendo um problema aí nos últimos trimestres. Na visão de vocês, o quê que melhorou, o quê que fez melhorar? Realmente foi um ciclo que acabou? Vocês acham que a tendência do corporativo é manter nesse nível? Vocês veem isto piorando? É um novo ciclo de piora no *corporate* daqui para frente? Eu queria só explorar um pouquinho neste assunto. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Francisco, é Vassimon. Na verdade, as grandes empresas, evidentemente, não estão imunes ao ciclo, a gente continua vendo condições bastante desafiadoras para essas empresas. O que aconteceu é que as provisões que nós fizemos já desde o final do ano passado elas tiveram um caráter mais de antecipação em função de *downgrades* que a gente fez nas empresas antecipando uma deterioração que, em boa medida, se confirmou. E no universo *corporate* você tem alguns casos pontuais de valor relevante que acabaram pesando nisto. Nós temos visto aí as empresas com uma capacidade bastante razoável de alongar os seus passivos, de se refinanciar, mas não dá para dizer que o ciclo já se encerrou absolutamente, tá. A gente não imagina elevações substanciais de PDD para o mundo *corporate*, mas o cenário é ainda bastante incerto.

Francisco Kops: Tá bom pessoal. Obrigado.



Operadora: Com licença, lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um. Obrigada.

Nossa próxima pergunta vem de Lucas Lopes, Credit Suisse.

Lucas Lopes: Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade. A gente viu neste trimestre o portfólio, a carteira com os *ratings* de D-H subindo significativamente com relação ao trimestre anterior, muito acima do crescimento da carteira como um todo, que por sua vez foi puxada pelo câmbio. O que eu queria entender é a que segmentos vocês atribuem esta deterioração, se é um comportamento parecido com a variação dos NPLs, ou seja, com pessoa física pesando bastante nessa variação, ou se *corporate* também piorou aqui, e se vocês acham que a gente pode entender isso como indício de que a inadimplência deve continuar subindo e subindo bastante nos próximos trimestres? Obrigado.

Marcelo Kopel: Oi, Lucas. É o Kopel. Então, pegando o gancho e já respondendo de trás para frente a sua pergunta, aquilo que o Vassimon falou, tá, a gente espera uma elevação inadimplência. O fato de a gente tá reclassificado *ratings* tem um caráter antecipatório, mas também tem um caráter de rolagem. Então, parte disso acontece por rolagem e parte disso aconteceu porque a gente fez os *downgrades* dos créditos. Então, é de se esperar que no ambiente que a gente tá a inadimplência suba e você vai ver essas movimentações, sejam elas porque nós tomamos a iniciativa, desculpa, e isso você vê principalmente em empresas, tá certo, e seja através das rolagens na parte de pessoa física. Então, a movimentação em D e em H está muito ligada à dinâmica e ao que a gente está vendo no mercado. Então, eu acho que esse é o contexto que a gente tem que colocar isto daqui.

Lucas Lopes: Não, perfeito, está claro, obrigado.

Operadora: Próxima pergunta Carlos Daltoso, Banco do Brasil.

Carlos Daltoso: Bom dia a todos. Pessoal, obrigado pela oportunidade. Só queria entender um pouco melhor aí o resultado de Tesouraria.

Sei que isto já foi um pouco explorado aí no *call*, né, mas eu queria entender o quê que provocou exatamente este salto e para R\$ 2,2 bilhões aí no resultado da margem com mercado, né, se existe alguma posição *under* ou *over hedge* aí na Tesouraria do Banco, né, e qual a perspectiva aí para os próximos trimestres aí deste resultado?

Eduardo Vassimon: Bom dia, Carlos. É Vassimon. O resultado de Tesouraria, como eu mencionei brevemente no *call*, ele tá associado fundamentalmente a posições de câmbio e de juros no trimestre. Não são necessariamente posições estruturais que permanecem e uma grande volatilidade, se a gente lembrar essa variação de câmbio no trimestre, foi possivelmente a maior em muitos, muito tempo, né, 28% num único trimestre. Nós temos, em relação aos investimentos no exterior, uma política de *hedge* e à parte disso nós temos as atividades normais de



Tesouraria, de *market making* que tendem a performar bem num ambiente de maior volatilidade. Então, foi isto que produziu, tanto em câmbio quanto em juros, esse resultado que, de novo, não é um resultado que a gente, infelizmente, possa considerar como recorrente, tá.

Carlos Daltoso: Tá. Mas aí só um *follow-up* aí, já é o terceiro trimestre, né, que ele vem com um resultado muito forte de Tesouraria, acima da média e vocês não consideram recorrente. O que a gente pode considerar como recorrente? Próximo à média ali, de um ano, de R\$ 1,6 bi para os próximos trimestres?

Eduardo Vassimon: É, realmente é o terceiro trimestre consecutivo com resultados acima do que nós consideramos recorrentes, mas, de novo, infelizmente não podemos assumir que eles serão reproduzidos no futuro. O que a gente considera, visto de hoje, como um resultado mais normal, sempre naturalmente sujeito às flutuações inerentes a este tipo de resultado, é alguma coisa da ordem de R\$ 5 bilhões por ano. Esse é o que a gente consideraria, visto de hoje, dadas as condições de mercado, o nível atual de juros, um resultado mais recorrente.

Carlos Daltoso: Ok, obrigado.

Operadora: Lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um.

Novamente, para fazer uma pergunta favor digitar asterisco um, estrela 1.

Próxima pergunta Francisco Kops, Banco Safra.

Francisco Kops: Bom pessoal, obrigado por pegar mais uma pergunta aqui nossa. Eu só queria explorar um pouquinho os assuntos do, o assunto dos *spreads*, que a gente não falou. Como é que vocês imaginam aí a margem financeira com clientes daqui para frente? Por mais que os *spreads* parem de subir hoje, eu imagino que tenha o efeito de rolagem aí já que a *duration* da carteira de vocês aumentou aí, principalmente com consignado e com imobiliário avançando na carteira de vocês. Então, como é que a gente pode imaginar aí a evolução da margem financeira com clientes mesmo que os *spreads* parem de subir, e se eles vão parar realmente, né? Por que o ambiente competitivo de bancos, devido a consideração bancária, né, e o problema de capital de alguns bancos públicos aí, me parece que é muito benigno no momento. Obrigado.

Marcelo Kopel: Oi, Kops. É o Kopel. Se você olhar a NIM como forma de percentual, a NIM do ano que vem, pelo efeito matemático de ela ter subido ao longo deste ano, a NIM média do ano que vem ela tende a ser maior do que a NIM média desse ano, tá. Então, quando você coloca isso com a carteira, mesmo que ela tenha, aí gente sempre está falando de crescimento os nominais aqui, nós não estamos falando de crescimento real, quando você olha estes dois componentes você consegue chegar a uma conclusão. Em relação aos *spreads*, a gente entende que as renovações elas vêm sendo feitas já num nível, no nível vigente, tá. Existe uma convergência muito grande de preços hoje no mercado, ou seja, aquela dispersão



que existia no passado ela foi reduzida e que, aumento de *spread* hoje a gente diria que é bem mais difícil por conta dos níveis que já estão sendo praticados, a não ser que você tenha elevação da taxa base, que não é o nosso cenário base. O nosso cenário base para o ano que vem é uma Selic *flat* em 14,25% para o ano inteiro.

Francisco Kops: Perfeito.

Marcelo Kopel: Mas, e só para completar, só lembrando que a gente precifica a percepção de risco, tá. Então, se houver uma percepção de aumento de risco a gente pode tá eventualmente aumentando *spread*, tá. Mas, assumindo que nós não mudamos o nosso apetite de risco, permanece do jeito que nós estamos falando.

Francisco Kops: Perfeito Kopel. Obrigado.

Operadora: Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Eduardo Vassimon para as considerações finais.

Eduardo Vassimon: Eu agradeço a atenção de todos à nossa teleconferência e queria reafirmar que nós consideramos que o resultado desse trimestre foi bastante positivo, sobretudo considerando a conjuntura atual da economia brasileira. Nós consideramos que estamos com um balanço bastante fortalecido para enfrentar as dificuldades que teremos à frente em função da continuidade do ambiente econômico desafiador e considerando que estamos bastante bem capitalizados, inclusive para, mais à frente, ao final deste ciclo, aproveitarmos as oportunidades que se apresentarão.

Obrigado mais uma vez e bom dia a todos.

Operadora: A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.
